

[dossiê]



Apresentação: Afromoda: o uso das roupas e das aparências em corpos políticos

Afrofashion: the use of clothes and apparency in politic bodies

Dulcilei da Conceição Lima¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5136-3341>

Maria Claudia Bonadio²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9704-9780>

A associação entre moda e pessoas negras quase sempre se dá por escândalos de racismo que vez ou outra surgem envolvendo nomes de profissionais, marcas e revistas de moda acusados de discriminação racial na escolha de modelos, de utilização inapropriada e desrespeitosa de elementos de culturas africanas ou afro-brasileiras (como o desfile de Adriana Degreas, na São Paulo Fashion Week (SPFW) 2013, que glamourizou a tortura representada na imagem da escrava Anastácia), na denúncia quanto à ausência de criadores negros nas passarelas e revistas, em situações como a falta de preparo de maquiadores para trabalhar em rostos negros, na grande diferença salarial entre profissionais negros e brancos da indústria da moda, entre tantas outras situações que vem sendo denunciadas especialmente em redes sociais, como nos perfis Moda Racista (deletado após ação judicial movida por Reinaldo Lourenço), Moda Racista Vive, Racismo na Moda e Pretos na Moda (todos no Instagram).

Como resultado de denúncias como as mencionadas e em meio ao cenário de mobilizações antirracistas internacionais motivadas pelo caso George Floyd, a SPFW 2020, em diálogo com o Coletivo Pretos na Moda, determinou que 50% das/dos modelos fossem negras/os ou indígenas e ainda estabeleceu valores mínimos de cachê e critérios de conduta e respeito a tais profissionais. O resultado foi uma semana de moda, que mesmo virtual, apresentou uma pluralidade maior de corpos e aparências. Entretanto, há de se lembrar que as grandes marcas não apresentaram desfiles nessa edição.

De modo geral, os espaços hegemônicos da moda insistem na fetichização das expressões das culturas de matriz africana e na desumanização dos corpos negros. Felizmente, profissionais negros da moda proliferam por caminhos alternativos, produzindo moda como

¹ Doutora em Ciências Humanas e Sociais pela UFABC. Pesquisadora no Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP. E-mail: dulcilima78@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9211366923645368>.

² Doutora em História pela Unicamp. Professora do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: mariacbonadio@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3920027222039096>.

estética política, expressão de identidade e pluralidade das culturas negras tradicionais e urbanas, como demonstram os artigos reunidos neste dossiê que pretende ser também um espaço de ocupação para autores que estudam temáticas ligadas à **Afromoda: o uso das roupas e das aparências em corpos políticos**.

Afinal de contas, uma revista científica pode não ter o alcance na mídia que tem uma São Paulo Fashion Week, mas é sem dúvida um lugar de micropoder, que deve cada vez mais proporcionar espaço para discussões e temas decoloniais.

Abrir campo para artigos científicos que tratem das relações entre raça e moda e reuni-los em um único volume é importante ainda para dar maior visibilidade às pesquisas e evidenciar os usos das vestimentas e aparências como formas de resistência não verbal. O que é especialmente importante quando consideramos que há um apagamento das negras, negros e negres, por exemplo, nos manuais de história da moda – presentes no currículo de grande parte dos cursos de formação em Moda (técnicos ou graduação) no país.

Em pesquisa ainda em andamento, uma das organizadoras deste dossiê pôde constatar que em nove manuais de história da moda ilustrados, publicados no exterior e traduzidos para o português, o número de imagens de indivíduos pretas não ultrapassava 8,5% do total das fotografias das obras, mas no famoso livro de James Laver, *A roupa e a moda*, não há sequer uma fotografia de pessoas negras/os no livro³. Ao analisar a produção nacional sobre história da moda, a situação não é muito diferente e dos quatro livros pesquisados, o que mais traz imagens de pessoas negras ilustrando a obra é *A moda no século XX*, tais fotografias totalizam no máximo 2,7% das figuras da publicação⁴.

A invisibilização ocorre também nos textos de alguns desses livros, cujo exemplo mais escandaloso é *Moda: o século dos estilistas*, de Charlotte Selling, no qual o vestido de casamento de Jacqueline (Bouvier) Kennedy ocupa toda a página 292, porém na legenda não há qualquer menção à Ann Cole Lowe (1898-1981), costureira americana negra, de grande sucesso e criadora do vestido icônico. Na página ao lado, na qual aparece o vestido de casamento da rainha Elizabeth II da Inglaterra, seu criador, o costureiro britânico Norman

³ A pesquisadora Maria Claudia Bonadio vem pesquisando a produção historiográfica sobre moda e constatou as seguintes porcentagens sob o total de fotografias que ilustram os seguintes manuais de história da moda: BAUDOT, François, *Moda do século*. São Paulo: Cosac & Naif, 2000 – 3,9%; BLACKMAN, Cally. *100 anos de moda: a história da indumentária e do estilo no século XX*, dos grandes nomes da alta-costura ao prêt-à-porter. São Paulo: Publifolha, 2012 – 4,1%; BOUCHER, François. *História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Cosac & Naif, 2012 – 2,4%; COSGRAV, Bronwyn. *História da indumentária e da moda: da Antiguidade aos dias atuais*. São Paulo: GG, 2012 – 7,8%; FOGG, Marnie. *Tudo sobre moda*. São Paulo: Sextante, 2013 – 8,5%; GRUMBACH, Didier. *Histórias da moda*. São Paulo: Cosac & Naif, 2009 – 1,4%; LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 – 0%; MENDES, Valerie; LA HAYE, Amy. *A moda do século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 – 2,1%; SELLING, Charlotte. *Moda: o século dos estilistas*. Kōneman: Colônia, 1999 – 2,4%;

⁴ CARRASCOSA, João (ed.). *O Brasil na moda*. São Paulo: Caras, 2003, v. 1 e 2 – 2,6%; GONTIJO, Silvana. *80 anos de moda no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987 – 0%; MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. *A moda no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000 – 2,7%; PRADO, Luís André; BRAGA, João. *História da moda no Brasil: das influências às autorreferências*. São Paulo: Disal 2011 – 2,3%.

Hartnell, não deixa de ser mencionado. Há, portanto, uma clara hierarquia entre o costureiro homem branco e a costureira mulher e preta, cujo nome é “esquecido” na legenda.

Neste dossiê, começamos, portanto, destacando as imagens que ilustram todo o número da revista e também sua capa, que são criação da mulher preta e artista visual maranhense Silvana Mendes, cujas fotografias foram selecionadas pela pesquisadora, mestra em Ciências da Religião e colunista da revista *Elle*, Hanayrá Negreiros (e sobretudo mulher preta), que também escreveu um texto de apresentação das imagens que está disponível no fim da edição. A ambas nossos sinceros agradecimentos.

Abre do dossiê, o texto *Moda afro-brasileira: o vestir como ação política*, de Maria do Carmo Paulino dos Santos e Cláudia Garcia Vicentini, aborda os usos da moda afro-brasileira como forma de ativismo negro, observando desde o uso do design de joias crioulas como design e resistência até a Marcha do Orgulho Crespo, evento que surgiu nas redes sociais em 2014 e passou a ocupar as ruas de diversas cidades a partir de 2015. O movimento é abordado pelas autoras como uma ação política e de resistência aos padrões de beleza e branquitude dominantes, no qual cabelos crespos são negativados e as imagens do evento publicadas na revista *Veja* são analisadas a partir da semiótica discursiva e da sociosemiótica de Eric Landowski.

Em *A identidade construída pela aparência: a moda negra no contexto norte-americano*, Deyse Pinto apresenta uma história cultural da relação entre negros e a moda nos Estados Unidos desde o período pós-escravidão, quando os negros libertos buscavam imitar o jeito branco de vestir, até a moda do hip hop, que emerge nos anos 1970 e se torna uma febre e um mercado importante até os dias de hoje.

Monstros ou seres humanos? A aparência vestimentada de corpos políticos e a transformação de uma sensibilidade deteriorada, escrito por Baga de Bagaceira Souza Campos, analisa os modos de vestir de Tikal Babado e Pai Amor, negras, viados-trans e corpos dissidentes da cidade de Cachoeira, na Bahia, com vistas a compreender, entre outras questões, como esses sujeitos queers, cujos corpos adornados podem ser considerados presenças políticas, se conectam com marcadores de raça e gêneros não ideais e colocam em questão os padrões normativos e dominantes no vestir.

O estudo dos tecidos e das estamparias, de origem africana, Wax, Adinkra e Ofi/Pano da Costa, que foram amplamente difundidos via diáspora africana no Brasil como formas de escrita não tradicional, como um sistema de transmissão de saberes relacionados aos símbolos, produções, representações e tradições culturais africanas presentes em diversos espaços do mundo global e contemporâneo é o tema do artigo *Influências dos tecidos e das estamparias africanas na identidade e na cultura afro-brasileiras*, de Julia Vidal e Dyego de Oliveira Arruda. No texto, os autores observam como tais tecidos e estampas são utilizados e compreendidos no Brasil atual, notando como o Wax tornou-se mais popular entre simpatizantes da cultura afro-brasileira, ao passo que o Ofi/Pano da Costa tem seu uso reservado nas religiões de matrizes africanas e o Adinkra tem uma circulação mais restrita entre pesquisadores, artistas e designers do imagético afro-brasileiro.

Em *Trajatória e narrativas de Goya Lopes: por uma moda brasileira mais plural*, Bruna Carmona Bonifácio e Ronaldo de Oliveira Corrêa abordam o trabalho da grande referência para a moda afro-brasileira, a artista e designer baiana Goya Lopes. A partir da análise de artigos sobre a designer publicados em diversos veículos da mídia, bem como entrevistas cedidas por ela e publicações nas redes sociais da empresa Goya Lopes Design Brasileiro, os autores buscaram situar a trajetória profissional e política da artista que se destaca como uma importante representante de pautas de profissionais negros que trabalham com moda articulada com culturas africanas e afro-brasileiras.

A transição capilar, processo de abandonar a prática de alisamento dos cabelos e deixá-los crescer naturalmente, tornou-se popular nas redes sociais há alguns anos em meio a retomada de práticas estéticas como afirmação política inspiradas em movimentos como o Black is Beautiful e Black Power, da década de 1970. Kátia Xavier-Zeca, em *Relatos de uma transição capilar sob o olhar de uma crespa*, busca em mulheres moçambicanas que fizeram a transição, relatos de suas experiências com esse processo. Por meio da coleta de dados em redes sociais, a autora investigou as razões que levaram essas mulheres a fazer a transição, bem como os desafios e as sensações em torno da adoção do cabelo crespo.

Amanda Gatinho Teixeira aborda em *No estúdio fotográfico de Fidanza: a construção da imagem das mulheres escravizadas na cidade de Belém (1869-1875)*, a obra do fotógrafo Felipe Augusto Fidanza. Em meados da década de 1860, o fotógrafo português radicado em Belém (PA), inaugurou o seu estúdio de fotografias onde se dedicou a registrar cenas cotidianas e, no formato *carte de visite*, retratou negros, índios e outros tipos sociais urbanos que transitavam pelas ruas da cidade. A autora focou sua análise em cinco fotografias de mulheres negras e mestiças, observando adereços, penteados, roupas e calçados por meio dos quais buscou evidenciar alguns possíveis significados sociais da Belém daquele período.

Fecha essa seção o artigo de Rafael Tassi Teixeira intitulado *Moda, fotografia e memória afetiva em Seydou Keïta (1948-1962)*. O autor analisa as fotografias produzidas pelo fotógrafo malinês no período compreendido entre 1948 e 1962 e observa a confluência entre elementos ocidentais e tradicionais das culturas africanas. Como observa o pesquisador, as roupas, os acessórios e os cenários das fotografias revelam simultaneamente o apelo às tradições e o desejo de permanência associados aos anseios pela modernidade e pela mudança. Tais fotografias remetem ao momento efervescente vivido por Keïta, que fotografa em meio a transformações sociais e políticas profundas no Mali, colônia em vias de se tornar independente.

O dossiê conta ainda com duas entrevistas conduzidas por Sheila Cristina Silva Araújo Caetano e Taís Oliveira, nas quais o leitor será apresentado aos designers e empresários Isaac Silva e Evandro Fióti, ambos negros e responsáveis por marcas que já alcançaram alguma notoriedade, que tem apresentado suas coleções nas principais semanas de moda (Casa de Criadores e São Paulo Fashion Week). A ideia do dossiê, é portanto, também abrir espaço de fala para os criadores, para os nomes do mercado, que, apesar de já terem representação na grande imprensa, aqui são apresentados em diálogo com pesquisadoras das áreas de Educação, Arte e História e Ciências Humanas e Sociais.

Fecha esta edição a resenha *O figurino do funk na perspectiva da cultura material*, de Maria Eduarda Araujo Guimarães, sobre o livro *Figurino funk: roupa, corpo e dança em um baile carioca* (Editora 7Letras, UFRJ, 2019), fruto da dissertação de mestrado de Mylene Mizrahi, na qual, por meio de um estudo etnográfico entre 2005 e 2006, a pesquisadora buscou determinar o estilo de vestimenta dos frequentadores dos bailes funk, bem como os sentidos simbólicos e sociais que representa.

Por fim, dedicamos esta edição à Baga de Bagaceira, artista e ativista trans não-binária do Recôncavo baiano que nos deixou em julho último, vítima da epidemia de Covid-19 e do descaso brasileiro diante da pandemia e da vulnerabilidade de pessoas pobres, negras e LGBTQ. Baga vive!⁵

Boa leitura!

⁵ Agradecemos à professora Renata Pitombo Cidreira, que orientava Baga em seu doutorado, por colaborar com a edição revisando o texto do autor.